

## “Pipa” e “amarelinha” na área do “falar baiano” numa perspectiva diageracional

Silvana Soares Costa Ribeiro  
(Universidade Federal da Bahia)

Marcela Moura Torres Paim  
(Universidade Federal da Bahia)

### Introdução

O léxico de uma língua desempenha papel importante como indicador da variação linguística, podendo-se, assim, encontrar nesse campo a exibição da variedade de cunho regional e sociocultural que se esboça no português brasileiro, reconhecendo a importância do tratamento de aspectos lexicais do português do Brasil.

Situado na esfera dos estudos lexicais, este trabalho examina como a linguagem de indivíduos tem traços linguísticos específicos responsáveis pela construção, manutenção e projeção da identidade social de faixa etária por meio da utilização do léxico como fator diageracional dos indivíduos no grupo etário do qual estão inseridos. Este trabalho se justifica pelo fato de o léxico possibilitar a observação da leitura que uma comunidade faz de seu contexto e a preservação de parte da memória sócio-histórica e linguístico-cultural da comunidade, além de permitir o registro e a documentação da diversidade lexical e geolinguística do português falado no Brasil.

O termo identidade, aqui utilizado, é concebido como “identidade social” que, segundo Ochs (1993, p.288), deve ser entendido “como um termo que pode abranger uma gama de *personae* sociais que um indivíduo pode reclamar para si ou atribuir aos outros ao longo da vida”, não sendo, portanto, fixa nem categórica. A análise dos inquiridos selecionados teve o intuito de estudar os itens lexicais presentes no repertório linguístico de informantes da faixa I (18-30 anos) e da faixa II (50-65 anos), relativos ao campo léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis, focalizando, especificamente, os itens *pipa* e *amarelinha* recolhidos a partir da aplicação do Questionário Semântico Lexical do Projeto ALiB - Seção Jogos

e diversões infantis – (COMITÊ 2001, p. 34 e 35). Objetiva-se com o trabalho apresentar um novo olhar sobre os dados coletados e tratados por Ribeiro (2012), desta feita sob a ótica da variação diageracional, aspecto não abordado sistematicamente pela autora na obra. Trata-se de pesquisa fundamentada nos princípios da Dialetologia e da Geolinguística Pluridimensional Contemporânea.

A análise do *corpus* permitiu a identificação da diversidade lexical do português falado no Brasil, analisada numa perspectiva pluridimensional que reflete não só a pluralidade de usos diatopicamente demarcada, mas também socialmente diversificada.

## **1 A relação estreita entre léxico, sociedade e cultura**

O entendimento da relação estreita existente entre o léxico, a sociedade e a cultura exige a consideração, por um lado, de que a língua tem suas características concretas, de uso, no mundo; e, por outro lado, direciona a observação de como seus usuários se situam e se relacionam com a sociedade na qual estão inseridos. Nessa perspectiva, vale lembrar, conforme assinala Marcuschi (2004), que a língua é um fenômeno heterogêneo, variável, indeterminado sob o ponto de vista semântico e sintático e que está situado em contextos concretos, tais como o texto e o discurso. Esse caráter dinâmico encontra um campo para aumentar as fronteiras do domínio do repertório linguístico de muitas sociedades no nível lexical. É justamente nesse nível de análise da língua que pode haver construção, projeção e manutenção da maneira como os falantes concebem o mundo no qual vivem, bem como a sua interação com todas as esferas da sociedade, adequando-se aos mais variados contextos das situações comunicativas.

Assim, cada indivíduo codifica o universo através de seus sistemas de valores, sua visão de mundo, sua ideologia e suas práticas sociais e culturais. O léxico é um reflexo da relação entre todos esses elementos. Nesse sentido, ao detectar um fenômeno de variação, as perguntas que aparecem de forma imediata, em qualquer nível linguístico, são relacionadas ao porquê e à sua origem. Para responder a tais questões, estudiosos da língua requerem auxílio de disciplinas como a Dialetologia ou a Sociolinguística porque é habitual que haja fatores extralinguísticos implicados na variação: fatores como a geografia (variação geográfica), a história (variação histórica) ou a situação comunicativa, em seu sentido mais amplo (variação estilística). Todos esses fatores podem ser responsáveis ou explicar muitos casos de variação linguística.

Conforme Mota e Cardoso (2006), o grande desafio da Dialetologia Contemporânea é manter-se eminentemente diatópica e poder revelar as faces da variação diageracional, diagenérica e diastrática. Sobre o tema, Margotti (2008) também afirma que essa nova orientação da Dialetologia apresenta os dados horizontalmente, mas também inscritos verticalmente, no eixo sociolinguístico.

Tendo em vista esse aspecto, é possível chegar ao seguinte questionamento: o que é que se busca ao estudar a variação lexical? Nessa perspectiva, retoma-se o pensamento de Oliveira (2008) relativo ao fato de que a variação lexical objetiva explicar o uso alternante de certas formas léxicas em condições linguísticas e extralinguísticas determinadas, podendo-se buscar identificar o léxico característico dos diferentes grupos sociais como, por exemplo, o léxico de faixa etária, de profissão etc.

Visualiza-se que o léxico de uma língua é um instrumento de produção cultural e, ao mesmo tempo, seu reflexo. Afinal ele constitui um espaço privilegiado do processo de produção, acumulação, reiteração, transformação dos sistemas de valores, visão de mundo, ideologia e práticas sociais e culturais de um grupo humano. Nesse sentido, o léxico de uma língua envolve o conjunto de signos linguísticos através dos quais o homem não só se expressa, mas também cria novos conhecimentos e/ou assimila conhecimentos que outros homens criaram, não só na sua civilização como também em outras civilizações (BIDERMAN, 2001). Por isso, as categorizações e suas denominações linguísticas com algum item lexical podem ser diversificadas, devendo, portanto, ser analisadas em seus contextos etnográficos, seus cenários, seus personagens e assim por diante.

O léxico de uma língua é composto da totalidade das palavras que ela possui, permitindo a verificação do grau de desenvolvimento social de um povo, a partir do momento em que mostra a quantidade e o tipo de conhecimentos que ele detém, por isso é possível dizer que o léxico é influenciado externamente por meio da cultura. Nessa perspectiva, a referida autora comenta que as palavras se mantêm, do ponto de vista semântico, abertas e com limites indefinidos, afinal a cada novo contexto, os falantes se deparam com o desafio de redefinir o sentido de uma determinada palavra em uso. Na construção do texto falado, por exemplo, os falantes estão constante e conscientemente empenhados na mútua compreensão e nos objetivos da comunicação.

Com o intuito de produzir os sentidos desejados, o falante vai explicitando – em função do conhecimento que ele tem do interlocutor e das reações e intervenções linguísticas e paralinguísticas deste – o processo de seleção lexical, na tentativa de construir com ele uma proposta de compreensão. Assim, é válido mencionar que a seleção lexical não é uma tarefa unilateral do falante na procura da melhor formulação para transmitir a sua informação ao ouvinte. Ela consiste, pois, no trabalho do falante, determinado pelo ouvinte, em construir o sentido dos enunciados.

Dessa forma, os sentidos são construídos em função de um fazer interpretativo do ouvinte. Também, do lado desse, não se verifica uma atuação isolada por meio da qual lhe caberia inferir de forma individual um conteúdo remetido pelo falante. Assim, o processo da seleção lexical, particularmente na construção do texto falado, se explica e se estende neste fazer convergente de produzir sentidos e

construir a compreensão conforme contexto comunicativo, já que, para se conhecer a significação de uma palavra, é preciso saber utilizá-la num discurso, afinal a significação é interacional, pois o entorno em si mesmo exerce um papel na determinação do que designam as palavras de um locutor ou de uma comunidade.

Desse modo, o conhecimento lexical não se concretiza na forma de uma lista de itens e sim na forma de uma rede de relações. E no interior dessa rede não existe isolamento e sim distribuição do conhecimento, afinal o léxico é um todo em que os elementos se incorporam com a cultura e as ações ali praticadas. Essa distribuição do conhecimento é essencial e fundamental, pois sem isso, não existiria compreensão intersubjetiva. Logo, é possível dizer que o léxico em funcionamento na língua é uma questão de conhecimento distribuído.

Como produtores de discurso, os falantes encontram-se diante de opções sobre como utilizar uma palavra e como expressar um significado através das palavras, e como intérpretes sempre se deparam com decisões sobre como interpretar as escolhas que os produtores fizeram (que valores atribuir a elas). Afinal, a relação das palavras com os significados é de muitos para um e não de um para muitos, em ambas as direções, havendo sempre maneiras alternativas de significar – de atribuir sentido a – domínios particulares de experiência, o que implica interpretar de uma forma particular, de uma perspectiva teórica, cultural ou ideológica particular. Perspectivas distintas sobre os domínios da experiência implicam maneiras diferentes de expressar essas experiências.

Assim entendendo, é possível observar, como expõe Cardoso (2012), que a Geolinguística Pluridimensional pode retratar a frequência e a distribuição de um fenômeno num dado espaço, além de considerar que os dados semântico-lexicais se inserem na atividade discursiva intersubjetiva; em outras palavras, eles fazem parte da atividade linguística de sujeitos em interlocução. Dessa forma, essa Geolinguística contemporânea vê na utilização do léxico um instrumento que lhe possibilita o estabelecimento de estratificações diatópicas conforme os fatores sociais enfocados, em especial, como enfatiza esta pesquisa, a variação diageracional, revelando a seleção lexical dos informantes de acordo com a faixa etária a que pertencem, demonstrando a identidade social de faixa etária.

## 1.1 Jogos e diversões infantis: cultura e memória

Para este estudo, a escolha do campo léxico *jogos e diversões infantis* deveu-se, sobretudo, à importância que os brinquedos e as brincadeiras infantis possuem na formação cultural e social dos indivíduos. As atividades lúdicas favorecem a descrição da cultura de um povo, revelando crenças e tradições.

O léxico referente aos brinquedos e brincadeiras infantis é extremamente rico e diversificado. A origem das atividades lúdicas e dos artefatos utilizados para

brincar tem registros diversos. Consta como uma herança europeia, atribuída ao colonizador português e aos outros povos imigrantes, mas também aos povos provenientes da África no período da escravatura e também ao nativo indígena. A difusão dos brinquedos e brincadeiras infantis pelo Brasil não é alvo deste trabalho, embora se constitua em instigante área de estudo.

Brinquedos são objetos de divertimento infantil, utilizados desde a antiguidade e que possuem evolução contínua. São artefatos construídos de diversos materiais (barro, tecido, papel, vidro, pedras etc.), podendo ser artesanais ou industrializados. Existem brinquedos tradicionais como as pipas, os piões, as bolas, os jogos de tabuleiro, as brincadeiras em equipe e os mais modernos como os jogos utilizados em computador. Alguns jogos e diversões infantis (brincadeiras) são elaborados e difundidos com fins pedagógicos.

Objetivando estudar o campo léxico dos jogos e diversões infantis e conhecer melhor as brincadeiras e jogos da tradição infantil e também os brinquedos, empreendeu-se pesquisa sobre o tema, tanto na perspectiva da Pedagogia, quanto na área de folclore e suas tradições.

Definir ‘brincadeira’, ‘brinquedo’ e ‘jogo’ para a Pedagogia e para a Antropologia é tão difícil como definir ‘palavra’ para a linguística.

Sobre a definição de ‘brincadeira’, têm-se de acordo com Cascudo (1954) a descrição em verbete único. ‘Brinquedo’ e ‘brincadeira’ para o autor são sinônimos de:

[...] jogos de rodas, divertimentos tradicionais infantis, cantados, declamados, ritmados ou não, de movimento, etc. Brinquedo é ainda o objeto material para brincar, carro, arco, boneca, soldados. Também dirá a própria ação de brincar. Brinquedo de dona de casa, de cabra-cega, de galinha-gorda (dentro d’água), de chicote queimado. [...] Os brinquedos em roda são quase todos cantados e a influência portuguesa é preponderante ou ainda sensível. (p.120-121).

Para o autor as brincadeiras dificilmente desaparecem e são constantes sociais, transmitidas oralmente, “abandonadas em cada região e reerguidas pela outra, numa sucessão ininterrupta de movimentos e de canto, quase independente da decisão pessoal ou do arbítrio administrativo” (CASCUDO, 1954, p. 121). (grifo nosso).

Gilles Brougère (2010), antropólogo francês que se dedica ao estudo dos brinquedos e das brincadeiras, diz que os brinquedos podem ser definidos de duas maneiras, tanto em relação à brincadeira, quanto em relação a uma representação social. “Brinquedo é um objeto que a criança manipula livremente, sem estar condicionado às regras ou a princípios de utilização de outra natureza” (p. 66). Para diferenciá-lo de jogo propõe:

O brinquedo é um objeto infantil e falar em brinquedo para um adulto torna-se sempre, um motivo de zombaria, de ligação com a infância. O Jogo, ao contrário, pode ser destinado tanto à criança quanto ao adulto: ele não é restrito a uma faixa etária. Os objetos lúdicos dos adultos são chamados exclusivamente de jogos, definindo-se, assim, pela sua função lúdica. (p. 13).

Para a definição de jogo, brincadeira e brinquedo, Kishimoto (2011, p.15-19) diz que “Tentar definir o jogo não é tarefa fácil” e considera para tanto o uso que se faz do jogo, interrogando se “É diversão ou material pedagógico? [...] A variedade de fenômenos considerados como jogo mostra a complexidade da tarefa de defini-lo. [...] Em verdade, é difícil separar *jogo*, *brinquedo* e *brincadeira*”.

Ao final da argumentação, em que considera o envolvimento de cultura, Pedagogia e Psicologia, define *brinquedo* (educativo) como o elemento que conjuga uma função lúdica (aquele que propicia diversão e prazer) a uma função educativa (aquele que ensina qualquer coisa que complete o indivíduo em seu saber) e *brincadeira* como um processo metafórico relacionado a comportamentos naturais e sociais (atividade humana em coletividade). (KISHIMOTO, 2011, p. 38-41).

A história dos brinquedos e brincadeiras está diretamente ligada à história da infância. Sabe-se que os brinquedos fazem parte da humanidade, refletindo as relações culturais, políticas e econômicas travadas na sociedade, e remetendo a questões da realidade específica da criança. Os estudos do historiador Philippe Ariès (1975, p. 7-15) tratam das diferentes visões de infância ocorridas ao longo da história, partindo da ideia de que até o fim do século XVIII não havia conhecimento de nenhuma concepção teórica que afirmasse que a criança era um ser social distinto. Àquela época os brinquedos eram confeccionados dentro de casa, pelas próprias famílias (bonecas de pano, piões, estilingues) ou então nas oficinas de artesãos (carrinho de madeira, soldadinhos de chumbo). A produção de brinquedos industrializados inicia-se no final do século XIX.

Sobre a história dos brinquedos e brincadeiras no Brasil, Cascudo (1954) registra que as brincadeiras e os brinquedos brasileiros têm origem em Portugal. Declara não ter conhecimento de “registro” para brincadeiras africanas. Sobre os índios, retoma referência a textos de cronistas coloniais para se referir à “aparelhagem para matar peixes nos rios” ou “arcos e flechas para matar passarinhos”, afirmando que tais depoimentos não são suficientes para conclusões em torno do tema. “Ignoramos a verdadeira participação africana e indígena nos brinquedos dos meninos brasileiros da época colonial. A mais alta percentagem dos brinquedos é europeia.” (p. 121).

A partir do século XIX, com a revolução industrial, os brinquedos deixam de ser o resultado de processos domésticos de produção (criação de brinquedos artesanais) e passam a ser comercializados (produção em série). Dessa forma, os brinquedos trazem sempre a imagem do seu tempo. Independentemente de sua

forma de produção, tanto um *estilingue* quanto um *videogame* servem de suporte para uma determinada brincadeira e vão sempre conservar o seu caráter de brinquedo. Do ponto de vista de quem brinca, o brinquedo pode ser qualquer objeto utilizado como suporte para a brincadeira.

Sobre a cultura lúdica, retoma-se Brougère (2010) que, tendo estudado os brinquedos a partir de sua dimensão cultural, entende a brincadeira como o lugar em que a criança traduz e recria as imagens daquilo que ela vive a partir das suas interações com o mundo (brincar de casinha, caçar e matar passarinhos, por exemplo). E, assim, ele afirma que a cultura lúdica é um conjunto de procedimentos que permitem tornar a brincadeira possível e que “ela não está fechada em torno de si mesma; ela integra elementos externos que influenciam a brincadeira: atitudes e capacidades, cultura e meio ambiente.” (p. 54).

A brincadeira tradicional infantil, uma das representações folclóricas, baseada na mentalidade popular, expressa-se, sobretudo, pela oralidade, é considerada como parte da cultura popular. Nesse sentido, a brincadeira tradicional é uma forma de preservar a produção cultural de um povo num certo período histórico. Sendo transmitida de geração em geração, ela está sempre em transformação, incorporando criações anônimas das gerações que vão se sucedendo.

Para jogos e brincadeiras infantis, uma lista quase infinita de itens pode ser apresentada. Soltar ou empinar pipas, matar passarinhos com estilingues ou baladeiras, brincar de pega-pega, de esconde-esconde, de passa anel, com bonecas de pano, com piões, com ioiôs, pular amarelinha, são apenas alguns exemplos da riqueza existente na cultura e no folclore brasileiros.

As tradicionais brincadeiras infantis são, muitas vezes, rotuladas de brincadeiras folclóricas, grande parte delas envolve disputas individuais ou em grupos. Possibilitam também a integração e o desenvolvimento social e motor das crianças. Sabe-se que muitas delas existem há décadas ou até séculos. Sofrem modificações (de nomenclatura, de formas de execução/realização) de acordo com a região e a época, mas, em essência continuam as mesmas da origem. Alguns autores rotulam certos jogos e brincadeiras infantis de “clássicos”, uma tentativa talvez de associá-las na atualidade às praticadas desde a Idade Média.

Para a manutenção da cultura folclórica, é importante que as brincadeiras infantis sejam documentadas e preservadas. A escola tem papel fundamental nessa tarefa de grande importância para a consecução de objetivos de preservação da memória do brincar no país.

## 1.2 A identidade social de faixa etária por meio do léxico

Com o objetivo de refletir acerca da identidade social de faixa etária, foi usada a postulada Teoria Social do Discurso por Fairclough em *Discurso e Mudança*

*Social* (2001). Conforme o referido autor, o discurso é um modo de ação, uma maneira com que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também uma forma de representação, ou seja, é uma prática de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado. Tal prática revela, dentre os aspectos relativos aos efeitos construtivos, a construção, a manutenção e a projeção de identidades sociais. Nesse sentido, pode-se constatar que o discurso é o local onde as identidades sociais são evidenciadas.

Como expõe Paim (2007), apesar de não ser uma temática preferencial para a área, as questões de identidade social têm sido pesquisadas também no âmbito da linguística. Com o intuito de enfatizar o enfoque de identidade social adotado neste trabalho no que se refere a essas abordagens, foi tomado como parâmetro o trabalho de Hoffnagel (1999), considerado como exemplar para este tema. Focalizando uma perspectiva de análise na sociolinguística interativa, Hoffnagel, (1999, p.81) comentando Ochs (1993), expõe que:

[...] a identidade social é formada de uma gama de *personae* sociais que pode ser invocada ou atribuída ao longo da vida, não sendo, portanto, fixa nem categórica, pois um indivíduo pode evidenciar aspectos diferentes como faixa etária, sexo, profissão, etc, dependendo de com quem se está interagindo e da situação comunicativa na qual se encontra.

Neste estudo, considera-se o conceito de identidade como um conceito complexo e tratado de diversas maneiras nos diferentes ramos das Ciências Sociais, assumindo a posição de Hoffnagel (1999), que a define como um termo guarda-chuva para cobrir uma gama de *personae* sociais que pode ser invocada ou atribuída no curso da vida e que nota que a identidade de um indivíduo particular é composta por múltiplos elementos ou atributos emergentes na interação social. Por meio dessa expressão, as identidades sociais podem ser construídas, mantidas e projetadas.

Refletindo sobre o discurso, na perspectiva da faixa etária, é possível afirmar, segundo Preti (1991), que a linguagem dos indivíduos de faixa etária mais avançada, em geral, apresenta marcas específicas que podem ser vislumbradas nos campos prosódico, sintático, léxico e, sobretudo, discursivo ou conversacional. É justamente nesses últimos campos – léxico, discursivo ou conversacional – que será focalizado o estudo da variação diageracional por meio do léxico.

Conforme o referido autor, a linguagem desse grupo pode ser visualizada em três perspectivas que mantêm pontos de ligação e não são estáticas: a de caráter cultural, social e psicológico individual.

Na perspectiva de caráter cultural, existe a concepção de que os idosos devem ter um papel específico na sociedade em que vivem, de acordo com a tradição

cultural a que pertencem; na segunda perspectiva, a de caráter social, há a visão de que a sociedade possui uma postura em relação aos idosos e, de acordo com ela, processam-se as relações sociais entre os idosos e os demais grupos etários; e por último, na perspectiva de caráter psicológico individual, encontra-se a ideia de que uma pessoa é tão velha quanto imagina ser.

Como expõe Preti (1991), a linguagem dos idosos pode conter interferência de fatores naturais, psicofísicos (maior lentidão das reações na comunicação ativa ou receptiva, os problemas de audição e memória) e de outros de natureza socio-cultural, como, por exemplo, a situação estigmatizada dos velhos na sociedade contemporânea, o que lhes acarreta uma insegurança manifestada em todos os atos de sua vida e, muito particularmente, no seu discurso.

No entanto, essas variações dos processos de repetição e as autocorreções – que interferem na fluência do discurso de pessoas mais velhas – são mecanismos estratégicos que elas utilizam para compensar problemas de disfluência presentes no nível prosódico e para os quais esses falantes não têm solução; assim, tais recursos permitem aos idosos sustentar o andamento da conversa, isto é, apesar de tudo, seu discurso é levado adiante, pois, em geral, as características peculiares à fala das pessoas mais maduras, nos diferentes níveis de análise, mostram que a comparação entre essa linguagem e a dos falantes mais jovens revela muito mais a intensificação das características comuns a ambos, do que propriamente nos traços específicos.

Dessa forma, é possível dizer que embora haja algumas marcas lexicais do tempo, na fala das pessoas mais velhas especialmente, nem por isso essa linguagem se tornou ininteligível aos mais jovens, afinal os próprios idosos se encarregam de buscar artifícios para explicar os arcaísmos, as expressões formulaicas fora de uso, a gíria de seu tempo. E são esses artifícios que constituem precisamente as marcas mais expressivas da linguagem desse grupo social.

Por meio do léxico, em vocábulos, em formas de tratamento (um dos índices sociolinguísticos mais expressivos, para evocar as relações sociais entre falante/ouvinte), em expressões formulaicas (frases-feitas, provérbios, refrões, expressões que, muitas vezes, remontam à sua infância e a melodia e a rima que, não raro, as acompanham, favorecem a permanência na memória), relacionadas com sua época, as informações sobre o passado podem transparecer constantemente no discurso dos idosos.

Nessa perspectiva, Isquierdo (1996) ressalta que o léxico de uma língua tem uma relação muito forte com a história cultural da comunidade, uma vez que registra as distintas modificações que aconteceram na sociedade e sobre as quais assim se expressa:

[...] o conjunto de vocábulos que integra o universo lexical de uma língua, por reproduzir a visão de mundo, o patrimônio cultural dos falantes e

por testemunhar a vida, a história e a cultura de um grupo em diferentes fases de sua história, fornece marcas da identidade desse grupo. A forma de usar a língua, particularmente a de escolher as palavras, revela aspectos da maneira de pensar e de agir de um indivíduo/grupo, além de fornecer índices da origem geográfica e da classe social do falante. (ISQUERDO, 2003, p. 178)

Tal pensamento também está presente em Fiorin (2000), que lembra que o léxico de uma língua é constituído da totalidade das palavras que ela possui, consideradas do ponto de vista das invariantes semânticas, independentemente da função gramatical que exercem na oração. Além disso, possibilita verificar o grau de desenvolvimento social de um povo, pois mostra a quantidade e o tipo de conhecimentos que ele detém. É reflexo da vida sócio-econômico-cultural de um povo e, portanto, contém a cristalização de sua vida material e espiritual.

Uma das formas de registrar o léxico é por meio dos estudos geolinguísticos, que possuem como produtos finais os atlas linguísticos, os quais permitem o mapeamento linguístico através de cartas linguísticas que podem proporcionar uma comparação posterior de dados. No que se refere ao léxico, os estudos geolinguísticos registram as variantes semântico-lexicais utilizadas para denominar um conceito num espaço geográfico que pode evidenciar influências socioculturais, históricas dos indivíduos de uma determinada escolaridade, região, de sexo e faixa etária específicos.

No sentido de valorizarem seu tempo, ou de se mostrarem integrados na sociedade em que vivem, as pessoas mais velhas selecionam o inusitado de suas narrativas em função das necessidades da interação verbal, considerando os próprios valores e os do ouvinte ou audiência. Enfim, esclarece Preti (1991) que, buscando, no arquivo da memória, fatos para ilustrarem suas ideias, os indivíduos de faixa etária mais avançada vão acumulando uma preciosa documentação da longa “viagem no tempo”, a que costumam entregar-se durante a conversação, denunciando, também, por meio do uso de itens lexicais, a sua identidade social de faixa etária.

## **2 Metodologia adotada para a investigação**

Antes de examinar os dados, faz-se necessário aclarar algumas questões concernentes aos procedimentos metodológicos norteadores do trabalho. No subitem 2.1, estão arrolados dados gerais do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, o *corpus* da pesquisa, dando informações sobre o questionário (recorte campo léxico: jogos e diversões infantis e aplicação), as localidades pesquisadas e os informantes selecionados.

## 2.1 O Projeto ALiB

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) tem por meta a realização de um atlas geral do Brasil no que diz respeito à língua portuguesa. Trata-se de um projeto de caráter nacional e em desenvolvimento desde 1996. Nele estão envolvidas, hoje, 16 universidades brasileiras signatárias de um convênio de cooperação interinstitucional firmado entre as instituições.

Para concretizar o desejo de produzir o Atlas Linguístico do Brasil, os pesquisadores constituíram um Comitê Nacional, responsável por gerenciar as atividades do empreendimento, tendo como uma de suas metas manter a unidade teórico-metodológica do projeto e garantir a execução das atividades de modo conjunto e coordenado.

O Projeto ALiB privilegia o estudo da variação espacial ou diatópica, não deixando, entretanto, de considerar a variação social. Documenta-se a fala de diversos informantes em contextos de fala específicos (conversa com perguntas e respostas, relatos de situações pessoais e leitura de texto), de modo a permitir estudar a variação diafásica, a variação diageracional, a variação diassexual e a variação diastrática.

O ALiB fundamenta-se nos princípios gerais da Geolinguística contemporânea, com a meta de mapear o Brasil com base em dados coletados em 250 pontos, representativos de todas as regiões, e recolhidos *in loco* a 1.100 informantes, distribuídos equitativamente por duas faixas etárias — 18 a 30 anos e 50 a 65 anos —, pelos dois sexos e, nas capitais de Estado, em número de 25 (as capitais Palmas, Estado de Tocantins, e Brasília, Distrito Federal, se excluem por questões metodológicas em virtude de serem cidades recém-criadas), por dois níveis de escolaridade — fundamental e universitário —, ficando os demais pontos da rede com apenas informantes do nível fundamental.

Ao se concluir a recolha de dados da rede programada, algumas considerações iniciais já podem ser feitas sobre áreas dialetais brasileiras. Nesse sentido, apresentam-se neste trabalho, de forma ilustrativa, resultados obtidos por Ribeiro (2012), ao descrever o *Falar Baiano*, que mostram a diversidade de usos vinculada a áreas específicas, mas também relacionada a fatores sociais.

Nesta pesquisa, consideram-se fatos relacionados à diversidade diatópica e a diferenciação diageracional, não se incluindo, para esse momento, a diferenciação diagenérica ou a diastrática, embora, no levantamento e análise dos dados, essas variáveis sociais tenham sido controladas sistematicamente.

## 2.2 O *corpus* de trabalho

O *corpus* deste trabalho é extraído da base de dados de Ribeiro (2012), para o qual o ponto de partida foi os dados do Questionário Semântico

Lexical - QSL, área semântica: jogos e diversões infantis, (COMITÊ... 2001, p. 34 e 35).

No questionário semântico lexical QSL do ALiB, encontra-se o campo léxico *jogos e diversões infantis*, composto por 13 (treze) perguntas, sendo quatro delas interligadas em seu conteúdo, a saber: 158 e 159 (pipa/papagaio de papel e a variante elaborada sem varetas) e 162 e 163 (brincadeira em que uma criança procura alcançar as outras, antes que se chegue a um local combinado e o nome do local combinado). Seguem indicados os números das perguntas e os itens buscados: 155 – cambalhota; 156 – bolinha de gude; 157 – estilingue; 158 – papagaio de papel/pipa; 159 – pipa/arraia; 160 – esconde-esconde; 161 – cabra-cega; 162 – pega-pega; 163 – ferrolho/salva/picula/pique; 164 – chicote-queimado/ lenço atrás; 165 – gangorra; 166 – balanço; 167 – amarelinha.

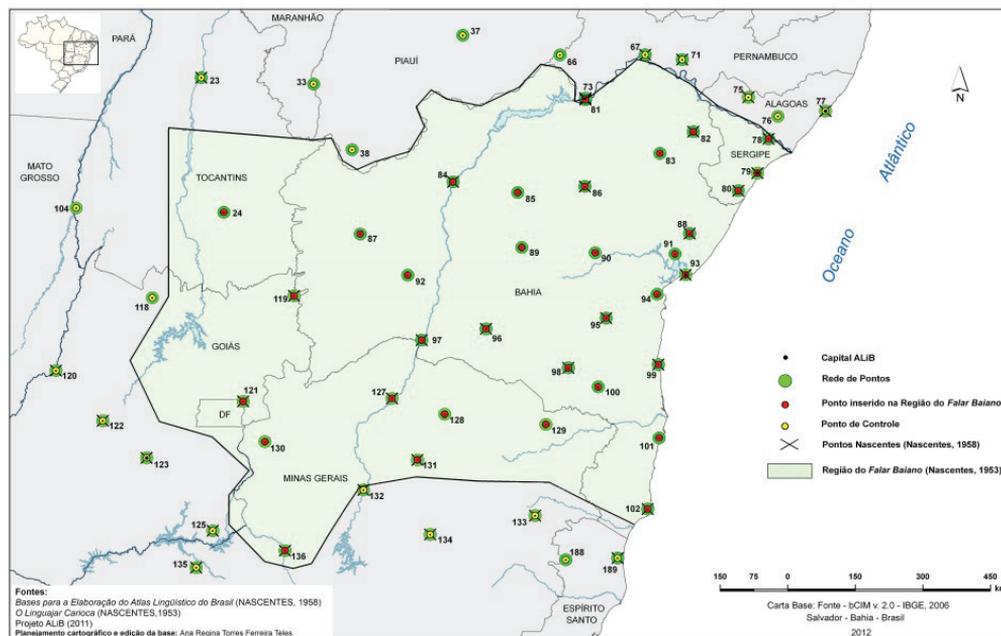
Optou-se por organizar os jogos e diversões infantis presentes no Questionário ALiB, em dois grupos distintos. O grupo (i), denominado *brincadeiras e jogos tradicionais*, engloba jogos infantis tradicionais, a brincadeira *amarelinha* e, finalmente, a brincadeira *cambalhota*, que não se constitui propriamente num jogo e nem em um brinquedo, mas que, por sua característica de execução, muitas vezes em equipes, foi incluída no grupo. O grupo (ii), denominado *brinquedos* (bola de gude, estilingue, pipa e pipa (sem varetas), gangorra e balanço), engloba brinquedos tradicionais que tanto podem ser confeccionados manualmente (artesanais), quanto industrializados.

Os jogos e diversões infantis, como organizados no Questionário do Atlas Linguístico do Brasil, ficam assim distribuídos: (i) *brincadeiras e jogos tradicionais* – perguntas 155, 160, 161, 162, 163, 164 e 167 e (ii) *brinquedos* (industrializados ou artesanais) – perguntas 156, 157, 158, 159, 165 e 166. Os resultados para as questões 158 e 167 serão abordados posteriormente.

Foram selecionadas 57 localidades pertencentes a 4 das 5 regiões geográficas brasileiras, compreendendo 11 estados da Federação (Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Pernambuco, Piauí, Sergipe e Tocantins). Os pontos escolhidos cobriram todas as áreas circunvizinhas ao *Falar Baiano* descrito por Nascentes (1953), sendo subdivididos em área do *Falar Baiano* (34 localidades) e Área de Controle, como se retrata por meio da Figura 1.

Brinquedos e brincadeiras infantis na área do *Falar Baiano*

**Carta 05 - REGIÃO DO FALAR BAIANO E ADJACÊNCIAS**  
(LIMITE APROXIMADO)



**Figura 1** Carta 05 – Região do *Falar Baiano* e adjacências (limite aproximado).

Fonte: RIBEIRO (2012, vol. 2, p. 476).

A amostra foi constituída de 244 inquéritos linguísticos, dos quais se extraíram as respostas às questões 158 e 167 do QSL. A população investigada é composta de 244 informantes (57 localidades, oito inquéritos por localidade do tipo capital de estado e quatro inquéritos por localidade do tipo interior de estado). Os informantes selecionados para a pesquisa atendem a critérios associados às variáveis sociais, que são os mesmos definidos para seleção de informantes para o ALiB.

### 3 Jogando com os dados: observando as escolhas dos falantes

A análise dos dados fundamentou-se nas respostas coletadas com a aplicação de duas questões do QSL, área semântica *jogos e diversões infantis*. Os resultados que se apresentam fundamentam-se em levantamento de dados constantes do *corpus* do Projeto ALiB, especificamente naquele estudado por Ribeiro (2012).

O *brinquedo e a brincadeira infantil* destacados para análise têm boa penetração na área geográfica estudada. Os itens analisados revelaram várias lexias utilizadas pela comunidade linguística em quase toda a área geográfica considerada.

### 3.1 Pipa

*Pipa, arraia, papagaio, suru, cuíca, arara, balão, pião, peixinho, carambola, avião, pandorga, cafifa...* São inúmeras as lexias conhecidas para nomear uma mesma diversão: soltar ou empinar um brinquedo feito à mão e que voa de verdade. Originada há mais de 2 mil anos na China, a *pipa* foi trazida para o Brasil pelo colonizador português. As *pipas* são “construídas” de diversos modelos, cores e tamanhos, costumam aparecer nos céus do país nos meses de inverno, quando há vento intenso, e os artefatos podem livremente voar pelos céus, sob a regência dos meninos de todas as idades.

Característica marcante do folclore brasileiro, a *pipa*, em suas diversas nomenclaturas utilizadas por todo o país, é tão popular que não se imagina ser o artefato tão antigo e de origem geográfica tão distante. A época de uso do brinquedo é sempre atestada em depoimentos dos informantes.

Ao serem inquiridos sobre “Como se chama o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha? *Mostrar figura.*” (COMITÊ... 2001, p. 34), muitos dos informantes pesquisados imediatamente informam:

(1) INF. – Tem **pipa**, tem... **arraia**. Chamam de arraia, chama de pipa. [...]

INQ. – É diferente a pipa da arraia?

INF. – Não, é tudo a merma coisa.

(Inq. 093/08 (Salvador – BA) / Inf.: mulher, faixa etária 2, nível universitário).

(2) INF. – **Pipa**. **Papagaio** também.

INQ. – Qual é o mais comum?

INF. – **Pipa**.

(Inq. 135/01 (Uberlândia – MG) / Inf.: homem, faixa etária 1, nível fundamental incompleto).

A questão 158 foi altamente produtiva e permitiu a obtenção de 425 respostas. A lexia *pipa* ocorreu em 100% das localidades e esteve presente na fala de 194 dos 244 informantes (79,5%). Documentaram-se também: *arraia, papagaio, suru, sura, surucu, cuíca, curica, arara, balão, pião, peixinho, carambola, avião* dentre outras que estão agrupadas em *respostas únicas*.

*Pipa* tem frequência na amostra de 45,6%, seguida de *arraia* com 26,4%, *papagaio* com 19,3%, *sura/suru/surucu* com 1,9% e as demais ocorrências documentadas correspondem a 6,8% da amostra.

Destaca-se a seguir, em (3), um exemplo em que duas lexias (*papagaio* e *pipa*) estão apresentadas por um dos informantes e se pode perceber a variação diageracional: *papagaio* é lexia utilizada pelos mais velhos e *pipa* pelos mais novos.

(3) INF. – É o **papagaio**. Nós falamos aqui **papagaio, pipa**.

INQ. – Qual que é o nome mais comum?

INF. – Todos, todo, aqui, aqui em Unaí eis (eles) fala muito **papagaio e pipa**.

INQ. – E são iguais? Papagaio e pipa é a mesma coisa?

INF. – É o mesmo caso, mesma coisa. Mais o certo memo é **pipa**, fala mais **pipa**. O povo antigo mais que fala **papagaio**, né, o povo mais velho. Agora, os mais novos não, agora, dessa juventude que vai vindo eles já fala é **pipa**, né.

INQ. – É, mas isso não quer dizer que papagaio esteja errado, né?

INF. – Não, eles fala... o povo antigo falava é **papagaio**.

(Inq. 130/03 (Unaí – MG) / Inf.: homem, faixa etária 2, ensino fundamental incompleto) – grifo nosso.

Ilustra-se, com o depoimento do informante de Maceió (AL/077), exemplo (4), o surgimento de uma forma lexical ainda desconhecida do inquiridor (*índio*, *bandeirinha* ou *bandeirola*) e os esclarecimentos por parte do informante. O exemplo também é adequado para elucidar o uso da lexia no passado “Antigamente era índio, né?”

(4) INF. – Nós chama aqui de... de **índio**.

INQ. – Isso aqui?

INF. – É **índio**. [...]. Eh... É **índio**, mas mas atualmen...

INQ. – Índio?

INF. – É. Atualmente nós chama de **pipa**, agora. [...]. Antigamente era **índio**, né? Soh... Vamo sohtá, sohtá um **índio** na praia? Aí nós ia pa, ia pra praia (inint) subia.

INQ. – Isso mesmo. Não conhecia esse nome não.

INF. – É **índio**. [...]

(Inq. 077/03 (Maceió - AL) / Inf.: homem, faixa etária 1, nível fundamental incompleto) – grifo nosso.

O que se percebe, em muitas das respostas, é que o informante *conhecedor dos brinquedos* se antecipa e fornece as variantes em resposta única e com riqueza de detalhes. Retrata-se o exposto, através da fala da informante jovem de Unaí (MG/130), exemplo (5). No depoimento, para o uso de *pipa* x *papagaio*, tem-se a variação de faixa etária.

(5) INF. – **Pipa**.

INQ. – Tem outro nome?

INF. – **Papagaio**.

INQ. – Qual que é o mais comum?

INF. – **Pipa**.

INQ. – E quem que fala papagaio?

INF. – É esses menino mais novo, meu filho mermo, por exemplo, eles fala. [...].

INQ. – É igual? A pipa e o papagaio são iguais?

INF. – Não. **Papagai**... não, tem o **papagai**, a **pipa** e o ra... é **ratinha**, né. **Ratinha** geralmente é só de papel. A **pipa** é cum...É, cum vareta. E cum a rabiola ainda. A **ratinha** já num tem, só o papel e a linha.

(Inq. 130/02 (Unai – MG) / Inf.: mulher, faixa etária 1, nível fundamental incompleto) – grifo nosso.

### 3.2 Amarelinha

A *amarelinha* é uma atividade lúdica praticada por crianças e adultos, que não requer qualquer recurso financeiro e é conhecida em zona rural e urbana. O objetivo da brincadeira é percorrer com um só pé um diagrama desenhado no chão, composto por quadrados numerados, após o lançamento de qualquer objeto (pedrinhas, cacos de telha, cascas de banana) em uma das “casas”. Quem primeiro chegar ao topo do desenho (geralmente nomeado de céu) vence a brincadeira.

Há muitos desenhos previstos para o diagrama, como também muitas regras de execução. Buscam-se, através da questão 167 do QSL, os nomes utilizados para denominar a atividade lúdica e também uma descrição detalhada da brincadeira: características do diagrama, regras de execução, nomes diferentes para a brincadeira quando associada a diagramas diferentes, por exemplo. Assim está formulada a pergunta:

Como se chama a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam um pedrinha (*mímica*) e vão pulando com uma perna só? Solicitar descrição detalhada (COMITÊ... 2001, p. 35).

(6) INF. – **Amarelinha**.

INQ. – Mas, a senhora conhece como amarelinha mesmo?

INF. – A gente chamava era **macaco**.

INQ. – Pular...?

INF. – **Pular macaco**.

INQ. – Então o desenho tem o jeito do [...]

INF. – É... pular macaco, a gente chamava pular macaco, agora chama amarelinha.

(Inq. 023/04 (Pedro Afonso – TO) / Inf.: mulher, faixa etária 2, ensino fundamental incompleto) – grifo nosso.

A análise estatística das ocorrências permite visualizar que *macaco* é a resposta com maior frequência (39,9%), seguida de *amarelinha* (31,4%), *maré* (9,0%), *maê* e *avião* (5,9% cada), *academia* e *capiçola* (1,6% cada) e *baliza* (1,1%). As *respostas únicas* reunidas somam 3,7%.

*Amarelinha*, no *corpus* analisado, traz a característica de ser identificada com brincadeira de “meninas”. Embora não seja objeto deste trabalho da descrição da variação diasssexual, apresentam-se os exemplos (7) e (8), por meio dos quais se pode observar que a brincadeira era praticada por meninas, fato que foi verificado também na fala de outros informantes do sexo masculino.

(7) INF.- Ah, eu sei, aí é... como é que chama, aqui brinca muito disso, mas isso é só pra menina mulher, homem aqui não brinca com isso não... é... amarelinha parece, não é isso ?

INQ. – É, é isso.

INF. – É, minhas irmãs brincavam disso.

INQ. – É... é disso mesmo. Menino não?

INF. – Não, homem aqui não.

INQ. – É, lá tanto faz.

INF. – No meu tempo não. No meu tempo era custoso porque é o tempo que homem tinha que brincar brinquedo de homem, se não ele virava frozinha. (risos) E no meu tempo mesmo a gente brincava muito pouco, porque mais tinha que trabalhar mesmo pra ajudar o véio.

(Inq. 122/03 (Goiás – GO) / Inf.: homem, faixa etária 2, nível fundamental incompleto) – grifo nosso.

(8) INF. – **Amarelinho.**

INQ. – Sim, o senhor brincou de amarelinho?

INF. – Não, as minha irmãs brincou muito ((rindo)) [...].

INQ. – [...] Bom, agora chama outra coisa...

INF. – Uns chama **amarelinho**, otos chama **macaco**, né?

INQ. – É, eu brinquei de macaco, num brinquei de amarelinho não.

INF. – Não, é porque eles botaro amarelinho é de cehte [certos] anos pra cá, porque minha mãe também dizia que era macaquinho, macaco, macaquinho e eles botaro amarelinho.

INQ. – Então a gente já tá vendo que amarelinho é mais novo, né?

INF. – É mais novo.

(Inq. 091/03 (Santo Amaro - BA) / Inf.: homem, faixa etária 2, nível fundamental incompleto) – grifo nosso.

Destaca-se em (8), além da presença das lexias *macaco* e *amarelinha*, uma referência ao uso no passado *x* o uso no presente, característica também observada em (9).

- (9) INF. – A gente chamava aqui... Oh! A gente chamava isso aqui de **macaco**.  
 INQ. – Era?  
 INF. – É... **pulá macaco**.  
 INQ. – Só chamava assim, né?  
 INF. – Era... Hoje que o pessoal deu o nome de **amarelinha**, num sei que...  
 INQ. – É a mesma coisa, né?  
 INF. – Na minha época, é, a mesma coisa, só tem que antigamente era **pulá macaco**.  
 (Inq. 085/03 (Irecê - BA) / Inf.: homem, faixa etária 2, ensino fundamental incompleto) – grifo nosso.

Todas as ocorrências de *Maê* estão documentadas no estado de Minas Gerais. Veja-se o exemplo (10) com a fala de informante jovem. É interessante notar que a informante de Pirapora demora a revelar a forma que ela conheceu e utilizou na infância e revela como as filhas nomeiam a brincadeira na atualidade.

- (10) INF. – **Amarelinha**.  
 INQ. – Tem outros nomes?  
 INF. – Só **Amarelinha**.  
 INQ. – Você brincou?... Você se lembra como era? Você não lembra de chamar de outro nome por aqui não?  
 INF. – Na minha época, usava **maê**, minhas meninas brinca de **amarelinha**.  
 (Inq. 132/02 (Pirapora – MG) / Inf.: mulher, faixa etária 1, ensino fundamental incompleto) – grifo nosso.

Nos exemplos expostos, os informantes se colocam em momentos diferentes, reconhecendo a existência de uma seleção lexical conforme a faixa etária, pois separam muito bem, em seus repertórios linguísticos, as diferentes formas para se denominar a brincadeira de pular de um pé só, demonstrando, assim uma comparação passado X presente, expressa pela seleção dos itens lexicais *amarelinha* (atual) e *maê* x *pular macaco/macacinho* (mais antigas).

## Considerações finais

O *corpus* do ALiB contempla a documentação da diversidade lexical do português falado no Brasil, e tem contribuições a dar na análise de variantes lexicais diageracionais, e da Geolinguística Pluridimensional, em que o registro segue os parâmetros diatópicos, diageracionais, diassexuais e diastráticos.

Em particular, no que diz respeito às denominações dadas pelos falantes estudados para as lexias elencadas como designadoras de alguns *brinquedos* e *brincadeiras infantis*, podem-se fazer algumas considerações preliminares:

- a) o discurso analisado dos informantes do Projeto ALiB reflete uma prática de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado

que possibilita a visualização da construção, manutenção e projeção da identidade social de faixa etária;

- b) as designações enfocadas representam uma variação que possibilita a visualização da diversidade lexical e geolinguística do português falado no Brasil;
- c) a temática da comparação passado X presente está na linguagem da maioria dos informantes de faixa etária mais avançada, evidenciada na seleção lexical desses informantes para os itens lexicais trazidos à discussão;
- d) a seleção entre as denominações dadas para alguns *brinquedos e brincadeiras infantis* está relacionada, em alguns casos, ao caráter diageracional, não deixando de, em primeiro plano, revelar a variação diatópica.

Assim, o trabalho procurou mostrar como os itens lexicais selecionados trazem, na fala dos informantes, as marcas do contexto em que se encontram inseridas. Dessa forma, pretendeu-se oferecer subsídios para o registro da diversidade da língua portuguesa.

## Referências

- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e Cultura*. Revisão Técnica e versão brasileira por Gisela Wajskop. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Projeto ALiB: o sentido desta caminhada. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; PAIM, Marcela Moura Torres (ed.), *Documentos 3*. Salvador: Vento Leste, 2012, p.13-32.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 3 ed. Brasília: Instituto Nacional do Livro, MEC, 1954.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB(Brasil): *Atlas Linguístico do Brasil*. Questionários. Londrina: EdUEL, 2001.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

- FIORIN, José Luiz. Política Linguística no Brasil. *Gragoatá*, n. 9, p. 221-231, 2000.
- HOFFNAGEL, Judith. A emergência de identidades na atividade discursiva falada e escrita. In: MOURA, Denilda (Org.). *Os múltiplos usos da língua*. Maceió: [s.n.], 1999, p. 80-91.
- ISQUERDO, Aparecida Negri. *O fato linguístico como recorte da realidade sócio-cultural*. 1996. 409 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1996.
- ISQUERDO, Aparecida Negri. Léxico em tempo e espaço: a questão dos regionalismos. In: MARIN, Jérri Roberto; VASCONCELOS, Cláudio Alves de. (Orgs.). *História, região e identidades*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2003, p. 165-181.
- KISHIMOTO, Tizuco Morchida. O jogo e a educação infantil. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 15-48.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. O léxico: lista, rede ou cognição social?. In: NEGRI, Lígia; FOLTRAN, Maria José, OLIVEIRA, Roberta Pires de (ed.). *Sentido e significação*. Natal: Editora EDURFN, 2004, p.263-284.
- MARGOTTI, Felício Wessling. Geolinguística pluridimensional: desafios metodológicos. In: CÍRCULO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO SUL, 8, 2008, Porto Alegre. *Anais eletrônicos...* Porto Alegre, 2008. Disponível em: <[http://www.celsul.org.br/Encontros/08/geolinguistica\\_pluridimensional.pdf](http://www.celsul.org.br/Encontros/08/geolinguistica_pluridimensional.pdf)>. Acesso em: 10 out. 2011.
- MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (ed.). *Documentos 2*. Salvador: Quarteto, 2006, p. 77-94.
- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2. ed. Completamente refundida. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.
- OCHS, Elionor. Linguisticresources for socializainghumanity. In: GUMPERZ, John; LEVINSON, Stephen. (Orgs.). *Rethinking linguistic relativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 407-437.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. *Manual de semântica*. Petrópolis: Vozes, 2008.

PAIM, Marcela Moura Torres. *Norma urbana, identidade social e variação*. 2007. 297f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Bahia, Salvador.

PRETI, Dino. *A linguagem dos idosos*. São Paulo: Contexto, 1991.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do “Falar Baiano”*. 2012. 752f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Bahia, Salvador.

